

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PUBLICIDADE PROPAGANDA E
TURISMO

Gustavo Oliveira da Mata

**História e comunicação: a influência da opinião pública e da comunicação na
construção do movimento LGBT**

São Paulo
2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PUBLICIDADE PROPAGANDA E
TURISMO

Gustavo Oliveira da Mata

**História e comunicação: a influência da opinião pública e da comunicação na
construção do movimento LGBT**

Trabalho apresentado ao Departamento de
Relações Públicas, Publicidade e Turismo
da Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo, formulado sob
a orientação do Prof. Dr. Luiz Alberto
Beserra de Farias, para a conclusão do
curso de Comunicação Social com
Habilitação em Relações Públicas.

São Paulo
2021

Gustavo Oliveira da Mata

História e comunicação: a influência da opinião pública e da comunicação na construção do movimento LGBT

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Publicidade e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, com Habilitação em Relações Públicas.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Alberto Beserra de Farias

Nome:

Nome:

São Paulo, ____ de _____ de 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, à minha mãe Josefa, pela sua crença na educação, não só como profissional, mas também como mãe. Você me incentivou na leitura desde os 3 anos de idade e não parei desde lá, e desde o meu primeiro dia de vida lutou com unhas e dentes para que eu chegasse até aqui. Jamais esquecerei das nossas tardes em filas do hospital, da cirurgia, mas principalmente do seu cafuné e do seu amor. Você é, sem dúvidas, a pessoa mais especial da minha vida.

Ao meu pai, mais do que saudades, guardo por ti um eterno amor. Obrigado pelos puxões de orelha, pelo ombro, pelas conversas, por absolutamente tudo. Sinto sua falta todos os dias e me dói imensamente encerrar esse ciclo sem que você esteja aqui para celebrar comigo. Chegar à Universidade de São Paulo foi, sem dúvidas, a minha maior conquista e o maior orgulho que eu pude lhe proporcionar.

À Viviane, minha caótica irmã, a quem sempre recorro quando preciso de refúgio e principalmente conselhos. Obrigado por estar aqui comigo. À minha família, em especial aos meus padrinhos e tios, por todo o suporte durante a vida e durante a graduação. Não encerraria esse ciclo se não fossem por vocês.

Ao meu amado primo-irmão Cleber, por ser uma referência de profissional e por todo o amor que sempre me deu. À Márcia, por sempre ver em mim um brilho que eu mesmo duvidei em diversos momentos, e também por me agradecer com a coisa mais rica que eu tenho comigo hoje, que é o meu afilhado João Pedro.

Fernanda, Paula, Sarah e Larissa, minhas amigas desde a primeira série, por celebrarem todas as conquistas comigo e por se disporem sempre a me ajudar quando preciso, meu muito obrigado.

Não posso encerrar este ciclo sem agradecer à ECA-USP por todas as pessoas que me apresentou, por todas as experiências que me proporcionou. Aos meus amigos de ECA Jr., parabéns pela paciência ao me aguentar, e obrigado por tudo. Ju Reimberg, Lari Castilho, Ju Biagini, Antônio e Anna Clara, vocês fizeram minha vivência na ECAtlética mais divertida. Guardo vocês com muito amor no coração, assim como guardo Nath Castanhola, Ma Juca e Bia Sabino. Seres de luz.

Ao Luiz Alberto, meu querido orientador, obrigado pela paciência durante esse projeto e os longos 5 anos de graduação. Você é minha inspiração de carreira, de vida, de pai e de amigo. LA nunca será acrônimo para a medíocre Los Angeles perto da grandeza que LA de Luiz Alberto impõe.

Aos meus amigos de graduação e fora dela, muito obrigado. Turminha, Babaganush, Comissão e muitos outros. Jade e Gatti, obrigado pela caminhada conjunta ao longo desses anos. Maran e Clei, não sei dizer o quanto vocês me ajudaram para que chegasse até aqui - obrigado pelo cuidado, pela atenção e pelos perrengues que compartilhamos desde o primeiro carnaval juntos. Dan, você me encanta e me ajuda todos os dias, e por isso te agradeço imensamente.

E, mais do que a quaisquer outras pessoas, agradeço por todos os LGBTQs, periféricos e negros que vieram antes de mim. Ao Tibira do Maranhão, à Felipa de Sousa, à Dandara, à Lisberta, meu eterno agradecimento por todas as lutas. Estamos todos separados pela barreira entre vida e morte e me dói o coração escrever um trabalho em que menciono integralmente as violências que sofremos, como LGBTQs, e vocês sofreram violentamente com o término de suas vidas e de suas histórias. No fim, entendo que isto tudo é um ode aos que caminharam antes de mim.

Por fim, agradeço a mim pela perseverança e por, mesmo no desânimo, acreditar na única pessoa que sempre estará aqui comigo: eu mesmo. Mais do que egocentrismo, entendo que lembrar-me de tudo o que passei mostra que, como cantou Madonna, o mundo é selvagem e o caminho é solitário.

RESUMO

Pessoas LGBTs sofrem com o preconceito desde os primórdios do que hoje entendemos como nação brasileira. Mas para além da institucionalização do preconceito, ao longo da história a comunicação foi usada como ferramenta para manutenção de um status-quo em que pessoas LGBTs eram vistas e tratadas como escória da sociedade. Com este trabalho, propõe-se uma revisão do movimento LGBT sob a óptica crítica do uso da comunicação, assim como a opinião pública se moldou perante todo o que hoje entendemos como ~movimento LGBT~.

Palavras-chave: Movimento LGBT. Comunicação. Opinião Pública. História LGBT.

ABSTRACT

LGBT people suffered with prejudice since the beginning of what we know today as Brazil. But, beyond the institutionalization of prejudice, communication was used as a weapon to maintain the status-quo of how LGBT people were seen and treated as a slag through history. With this piece, we intend to review the LGBT movement under the optics of the use of communication, and also how the public opinion molded itself towards what we understand today as ~LGBT movement~.

Keywords: LGBT Movement. Communication. Public Opinion. LGBT History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pintura de São Tibira do Maranhão.....	12
Figura 2 - Histórico de menções ao termo "Revisionism" levantado pelo Google Books Ngram Viewer.....	14
Figura 3 - Marsha P. Johnson (à esquerda) e Sylvia Rivera (à direita) durante os protestos em prol dos direitos LGBTs em São Francisco, Estados Unidos da América.....	17
Figura 4 - diversos homens dentro do Hospital Colônia de Barbacena, para onde muitos LGBTs foram enviados durante seus mais de 90 anos de funcionamento.....	22
Figura 5 - diversas capas do Lâmpião da Esquina, incluindo avisos das rondas policiais, locais de circulação mais segura para o público LGBT e entrevistas de grandes personalidades.....	25
Figura 6 - Fachada do Ferro's Bar, em São Paulo.....	27
Figura 7 - Capa do "Chana com Chana", folhetim com temáticas lésbicas abordando a lesbianidade, literatura e política em sua pauta.....	28
Figura 8 - Manchete do jornal "Notícias Populares" de 1983.....	29
Figura 9 - Capa da revista Veja com o cantor Cazuza.....	30
Figura 10 - Pôster do filme "Crô", com Marcelo Serrado no papel do protagonista homossexual.....	33

..

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
A HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBT NO PRÉ-BRASIL.....	11
O REVISIONISMO DE FIGURAS LGBTs.....	13
O APAGAMENTO LITERAL DAS VIDAS DISSIDENTES.....	19
TEMPOS DE CHUMBO - E A TRANSFORMAÇÃO DE UM MOVIMENTO.....	24
A AIDS.....	28
SER LGBT HOJE.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

INTRODUÇÃO

Mais de 5 mil LGBTs foram assassinados no Brasil nos últimos 20 anos, conforme dados levantados pelo Grupo Gay da Bahia e o Acontece Arte e Política LGBTI+. Durante a pandemia do SARS-CoV-2, entre 2020 e 2021, essa população foi profundamente afetada, conforme relatório do Perito Independente em Orientação Sexual e Identidade de Gênero da Organização das Nações Unidas (em inglês Independent Expert on sexual orientation and gender identity, o IE SOGI). Segundo o material, “a COVID-19 teve um impacto desproporcional nas pessoas LGBT; que, com poucas exceções, a resposta à pandemia reproduz e exacerba os padrões de exclusão social e violência” (tradução nossa).

Este trabalho, realização final da graduação em Comunicação Social - Habilitação em Relações Públicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, é reflexo de uma imersão dentro das minhas próprias raízes e do meu entendimento, ao longo dos últimos anos, da minha própria existência.

Para além da abordagem LGBT, o enfoque é principalmente nas formas como a comunicação, os meios de comunicação e a opinião pública colaboraram para a manutenção de um sistema preconceituoso, assim como foi imprescindível na construção de novos paradigmas para este público.

Opinião pública, segundo Steinberg (1972), é “um subproduto de processos educacionais bem como do crescimento dos meios de comunicação de massa”. Logo, entende-se que a opinião pública se forma a partir da visão generalizada criada pelos meios de comunicação sobre uma determinada classe ou grupo.

Entender a construção social e cultural das pessoas LGBTs e as formas como a comunicação caminhou junto às conquistas (ou tragédias) partiu de uma curiosidade ao analisar que, ao longo do que se pouco tem sobre vivências e pessoas LGBTs, raras eram as pessoas que não surgiam como “exceções”. Rogeria, talvez a travesti mais famosa da história desta nação, fez seu espaço dentro da mídia. Seu espaço conquistado tem, sem sombra de dúvidas, reflexos de muita batalha, mas também de muitos privilégios: sudestina, branca e de uma família rica, sua entrada nos lugares sempre foi muito mais fácil que a de travestis

negras. Ainda que fosse uma exceção como travesti, é reflexo de uma sociedade que, desde os primórdios, executa e esconde suas semelhantes.

Mas, para além das poucas pessoas LGBTs que estão nos meios de comunicação hoje em dia fora do noticiário sensacionalista que cobre suas mortes, onde estão as pessoas LGBTs?

Este trabalho, inicialmente, seria um estudo de caso sobre o Bixiga, um dos bairros mais importantes para a história da cidade de São Paulo, assim como para a construção da história LGBT na cidade. Foi nele, por exemplo, que se instalou por muito tempo o Palácio das Princesas, uma casa de apoio para pessoas expulsas de casa e, posteriormente, pessoas vivendo com HIV durante o surto de propagação do vírus na década de 1980.

Com o decorrer do tempo e as muitas idas e vindas, muita reflexão encaminhou este material para um grande ensaio sobre as vivências de pessoas LGBTs periféricas da cidade de São Paulo, buscando entender quem são essas pessoas e quais os referenciais a formaram. Traz-se, para além do depoimento de quem vos escreve, pontuações de Yago, homem trans negro morador de Paraisópolis, uma das maiores favelas de São Paulo.

Como metodologia, então, adota-se a revisão e análise da bibliografia que conta a história de pessoas LGBTs no país, buscando entender em quais momentos a comunicação fez parte da construção dos estereótipos e se portou perante os acontecimentos envolvendo tal público.

1. A HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBT NO PRÉ-BRASIL

Transviados. Desviados. Pecaminosos. Criminosos. A homossexualidade, há muitos e muitos séculos, é vista como um comportamento inadequado por boa parte das pessoas detentoras do poder. No hemisfério norte global, muito antes dos anos 1500 e da chegada ao novo continente, pessoas que se relacionavam com outros indivíduos do mesmo sexo eram não só mal vistos, mas condenados, caçados, humilhados e muitas vezes mortos.

Enquanto isso, nas plurais populações nativas do continente americano, a visão sobre orientações sexuais e performances de gênero – entenda-se aqui a existência pré-determinada de homem e mulher como figuras em papéis bem definidos – eram distintas. No Brasil, muitas comunidades de indígenas conviviam com as mais diferentes manifestações sexuais. O que se entende hoje como homossexualidade era natural, assim como figuras que assumiam funções das distintas ao grupo semelhante à sua formação corporal – isso é, homens que muitas vezes ocupavam funções comuns às mulheres, assim como mulheres que assumiam dentro das tribos funções que eram normalmente encabeçadas pelos homens. “Mais que o travestismo, o maior perigo representado pelo homoerotismo sempre foi o questionamento da naturalidade dos papéis de gênero atribuídos aos dois sexos”. (MOTT, 2001).

Em artigo publicado no Jornal Porantim, o antropólogo Estevão Fernandes, ao discorrer sobre a questão homossexual nos povos nativos, afirma que:

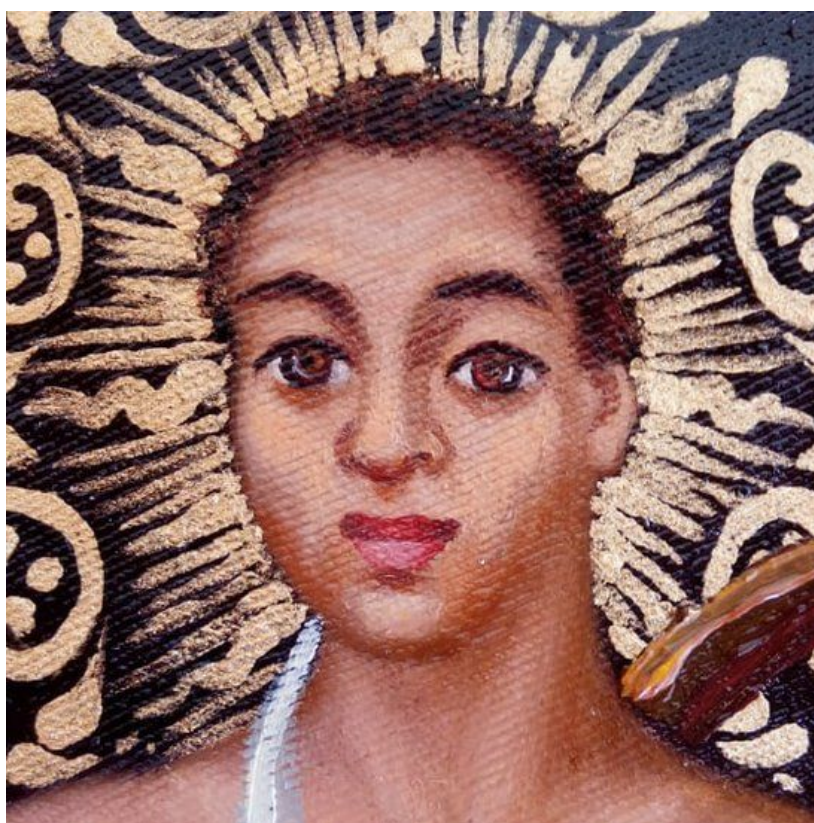
À colonização corresponde, necessariamente, a criação de um aparato burocrático-administrativo, político e psicológico para normalizar as sexualidades indígenas, moldando-as à ordem colonial. O poder colonial se assenta nessa assimetria de forças – ontológicas, epistemológicas, políticas – de tal modo a abrir uma fissura naquelas pessoas cujas vidas não se enquadrem nos modelos hegemônicos. (Fernandes, 2017)

A chegada dos europeus no que se entende hoje como Brasil foi um colapso generalizado. A miscigenação, termo usado para definir a mistura de diferentes etnias, foi incumbida na raiz do que hoje é o Brasil na base do estupro, da morte, da violência e da opressão. Primeiro, os indígenas, como sabemos. Mas como este trabalho não é necessariamente uma digressão sobre a história do Brasil, e sim do

retrato da homossexualidade ao longo dos nossos doloridos mais de 500 anos de colonização, trago o cerne de toda a questão através do que hoje é visto como um dos primeiros casos registrados de homofobia institucionalizada nesta terra.

Tibira do Maranhão era um indígena tupinambá que mantinha, supostamente, relações homossexuais com outros de sua comunidade. No século XVII, especificamente no ano de 1614, o religioso francês Yves d'Evreux iniciou uma caça ao nativo. Capturado, o rapaz foi executado de forma extremamente cruel: lançado por um canhão na muralha do forte de São Luís, sendo dividido ao meio – metade do seu corpo caiu no mar e a outra metade na muralha.

Figura 1 - Pintura de São Tibira do Maranhão



Fonte: BBC Brasil, 2020.¹

¹ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55462549>>. Acesso em 26 de outubro de 2021.

A ação não foi em vão, já que presentes na situação estavam diversos outros indígenas, principalmente líderes, que então já construíam uma relação com os colonizadores. O objetivo era muito além de punir o pecador, mas conscientizar os demais que tais atitudes não eram só mal vistas, mas puníveis da mais dura forma. Tais atitudes, no caso, eram assumir comportamentos desviantes do que a moral cristã-católica vigente entendia como corretos.

Antes da sua morte ainda, Tibira foi algemado, acorrentado e, claro, batizado. Porém, toda a ação não recebeu qualquer tipo de autorização do Papa nem do Santo Ofício, o que mostra na realidade que, em terra sem lei, faz a lei quem se mostra poderoso.

Tibira, inclusive, era um termo até então generalista para todos os homens indígenas que mantinham relações homoafetivas ou expressavam, de alguma forma, uma identificação com o gênero oposto. Hoje, o termo é usado quase exclusivamente para falar do indígena anteriormente mencionado. Sua história, inclusive, é de extrema importância para o movimento LGBTQ+.

Hoje, discute-se a elevação de Tibira à ícone das lutas de tal minoria. No forte de São Luís, onde foi executado, existe uma estátua em sua homenagem, e recentemente uma corrente busca canonizar o tupinambá. Luiz Mott, estudioso e defensor de tal fato, disse em entrevista à BBC que espera que o Vaticano se desculpe publicamente pelo ato e instaure um processo para canonizá-lo.

2. O REVISIONISMO DE FIGURAS LGBTQs

É interessante analisar a mudança de narrativas históricas, como mencionado no capítulo anterior. O revisionismo histórico tem sido discutido com mais afinco nos últimos tempos. De acordo com o Dicionário de Teoria Crítica publicado pela Universidade de Oxford, revisionismo é “um termo generalista que pode ser usado com conotações positivas e negativas em publicações acadêmicas que buscam revisar uma posição ou teoria previamente aceita.”

A revisão de acontecimentos e fatos passados tem se tornado cada vez maior nos últimos anos. Conforme o gráfico abaixo, retirado do Google Ngram View,

Figura 2 - Histórico de menções ao termo "Revisionism" levantado pelo Google Books Ngram Viewer



Disputas narrativas a partir do passado são práticas corriqueiras no campo das Humanidades, contudo, elas têm extrapolado as balizas

<https://books.google.com/ngrams/graph?content=revisionism&year_start=1800&year_end=2019&corpus=26&smoothing=4&case_insensitive=true&direct_url=t4%3B%2Crevisionism%3B%2Cc0%3B%2Cs0%3B%3Brevisionism%3B%2Cc0%3B%3Brevisionism%3B%2Cc0%3B%3BREVISIONISM%3B%2Cc0> Acesso em 08 de novembro de 2021.

de discussão do campo acadêmico e trafegado em uma esfera pública difusa, interconectada e mobilizada para o confronto e para a diluição da ciência em ideologia, lançando desafios éticos e políticos

Ao analisarmos a história contada do movimento homossexual, a narrativa raramente se volta aos acontecimentos fora da Europa e, principalmente, dos Estados Unidos. Hoje, em ambos o estudo do movimento perpassa os grandes acontecimentos passados – em especial a famosa Revolta de Stonewall – e chega a acontecimentos e figuras passadas.

No Reino Unido, dois casos de revisionismo protagonizam parte das discussões dentro do movimento LGBT+: o do escritor Oscar Wilde e o do cientista Alan Turing. Para além de terem nascido sob o domínio da coroa britânica (Wilde nasceu em Dublin, Irlanda, e Turing em Londres, Inglaterra), ambos dividem outra característica: eram homossexuais.

No fim do século XIX, Oscar Wilde tornou-se pessoa pública primeiramente pela sua maestria literária, mas também pelo julgamento social sobre suas condutas sexuais. Autor de “O Retrato de Dorian Gray”, o irlandês ganhou notoriedade também pelas diversas prisões que sofreu ao longo da vida por suas relações homossexuais. Ao longo da vida, ficou encarcerado por dois anos e foi réu do que hoje é visto como um dos primeiros julgamentos de pessoas públicas da história do Reino Unido.

Vítima da meningite no ano de 1900, o autor teve, até meados do século XX, sua reputação perseguida pelos tais “crimes” que foi acusado. Além de ter sido, à época, vítima de uma enorme campanha de difamação por sua sexualidade, Wilde foi duramente criticado e perseguido pela opinião pública também por preferir parceiros mais jovens. Porém, com o passar dos anos e a revisão não só de sua vasta obra, como também das suas ações, hoje ele é tido como um dos mais importantes autores da história do Reino Unido. Isso mostra, como dito anteriormente, que o revisionismo pode, em alguns casos, trazer luz sobre histórias previamente entendidas como erradas – e nesse caso, transformar em mártir quem por muito tempo foi duramente criticado. Tamanha a revisão que na edição de 2021 do famoso MET Gala, baile anual organizado para arrecadar fundos ao Museu

Metropolitano de Arte de Nova Iorque, o ator trans Elliot Page foi vestido de terno com um cravo na altura do peito – a flor foi incorporada por Wilde como símbolo de sua resistência e, por muito tempo, usada como símbolo de homens homossexuais.

O outro exemplo mencionado foi o do cientista, matemático e filósofo Alan Turing. Conhecido como o pai da computação e da inteligência artificial, Turing voltou aos holofotes mundiais com o lançamento de “The Imitation Game” (no Brasil, “O Jogo da Imitação”), filme que colaborou com a campanha pela concessão do perdão ao cientista.

No fim da década de 2000, um programador iniciou uma petição para que o Governo Britânico se manifestasse quanto ao enquadramento de Turing como criminoso. Anos depois, para além de um pedido de desculpas vindo diretamente do então primeiro ministro, Gordon Brown, pelo tratamento que Alan recebeu no fim da sua vida, em 2012 o parlamento inglês oficialmente o perdoou. A conquista, entretanto, foi fruto de muitas petições e discussões nas mais diversas esferas da sociedade, desde a sociedade civil como também a Corte de Justiça inglesa.

Em 2014, após o lançamento do já mencionado filme biográfico de Turing, a Rainha Elizabeth II concedeu o perdão real ao pai da inteligência artificial. Como dito, o fato é interessante por mostrar que, mesmo passados mais de 50 anos desde a morte de uma figura importante para a história, mas apagada por uma legislação claramente homofóbica, a opinião pública pode alterar a visão histórica de alguns fatos. Inclusive, o próprio perdão foi colocado em xeque por outros setores sociais: por que Turing deveria ser “perdoado” pelos crimes que supostamente cometeu sendo que, na verdade, nunca cometeu crime nenhum? Será que ele deveria receber o perdão ou seus condenadores que deveriam pedir perdão à sociedade?

Já nos Estados Unidos, um dos grandes exemplos de revisionismo histórico é a transformação da opinião pública perante Marsha P. Johnson e sua colega Sylvia Rivera. Conhecidas como “as que atiraram a primeira pedra” na famosa Revolta de Stonewall, ambas passaram décadas esquecidas, com suas histórias e conquistas apagadas.

Marsha especialmente se tornou um símbolo de resistência e teve, ao longo das últimas duas décadas, sua imagem diretamente associada às conquistas

pós-Stonewall. Ainda que tenha morrido na década de 1990 na cidade de Nova Iorque em um assassinato não-solucionado, sozinha, pobre e abandonada pelo Estado, hoje tem seu nome estampado até mesmo em produções cinematográficas que a colocam no seu devido lugar de ícone.

E se sua trajetória foi de protagonismo de um movimento ao anonimato e, pós-morte, de volta à liderança história de Stonewall, Sylvia Rivera tem sua história vista pela sociedade sob outra óptica: raramente seu nome era colocado entre as pessoas que protagonizaram não só a fatídica noite de revolta no Stonewall bar, mas do movimento que eclodiu após ele.

Hoje, ao analisar os acontecimentos durante e pós-Stonewall, historiadores e sociólogos entendem que ela, como mulher trans e latina, foi também protagonista desse movimento. Fundou anos depois uma instituição para abrigar LGBTQIA + expulsos de casa ou em situação de vulnerabilidade e, após sua morte, em 2002, foi nomeada como “a Rosa Parks do movimento trans”.

Figura 3 - Marsha P. Johnson (à esquerda) e Sylvia Rivera (à direita) durante os protestos em prol dos direitos LGBTs em São Francisco, Estados Unidos da América



É importante notar que, mesmo anos após fatos históricos, novos ícones surgem como figuras importantes de grandes épocas e movimentos sociais. O revisionismo histórico é, de certa forma, responsável pelo fortalecimento cada vez maior do movimento LGBTQIA+ pelo mundo: para além de demandas momentâneas, a sociedade entende a cada novo dia que estas são necessidades milenares para garantir a sobrevivência de parte da população. Ao longo dos anos, a visão da homossexualidade como parte do berço da população brasileira foi se perdendo. Poucas vezes aborda-se a questão homossexual dentro dos povos nativos – ainda que, claro, entende-se que dentro da própria comunidade indígena esta pauta não é prioritária, visto o risco iminente de terem não só suas histórias apagadas, mas suas vidas, dado o atual momento em que vivemos neste país.

Mas para além disso, o surgimento de um movimento que busca ressignificar histórias e acontecimentos busca, de modo geral, trazer peso para um movimento que ainda é entendido socialmente como algo “moderno”. O comportamento homoafetivo, assim como corpos e seres que fogem do binarismo de gênero enraizado na cultura branco-cristã, é natural ao ser humano há milênios, como dito acima.

O objetivo principal do revisionismo, nesse caso, é de revisitar a história humana e encorpar ao movimento LGBTQIA+ a trajetória de pessoas que tiveram suas vivências apagadas ou deturpadas. De Leonardo Da Vinci a William Shakespeare nos séculos XV e XVI, respectivamente, até mesmo pessoas públicas mais recentes, como o ator Marco Nanini, que somente em 2011 assumiu-se publicamente homossexual, ou até mesmo o cantor Renato Russo – muitas vezes suas vivências e declarações acerca da suas sexualidades foram escondidas pela imprensa, buscando não “diminuir” perante o público o prestígio que lhes foi atribuído.

Por isso, tal movimento tem trazido à tona nomes até então desconhecidos que lutaram pelos direitos das pessoas LGBTs. Mas é importante que nos atentemos ao fato de que essas histórias foram escondidas para que o

³ Disponível em: <<https://www.nps.gov/articles/000/marsha-p-johnson-sylvia-rivera.htm>>. Acesso em 24 de novembro de 2021.

comportamento visto como desviante não pudesse ser aceito socialmente, afinal, ele jamais fizera parte da história humana.

3. O APAGAMENTO LITERAL DAS VIDAS DISSIDENTES

Em um dos seus trabalhos mais notáveis, “Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão” , o filósofo francês Michel Foucault discorre sobre o sistema prisional e punitivista adotado por quase toda a sociedade global atualmente. De qualquer forma, ao analisar a obra, é fácil correlacionar alguns trechos com movimentos históricos que buscam apagar histórias e vivências. Em um trecho o autor afirma que

“[a prisão] contribui para estabelecer uma ilegalidade, visível, marcada, irredutível a um certo nível e secretamente útil — rebelde e dócil ao mesmo tempo; ela desenha, isola e sublinha uma forma de ilegalidade que parece resumir simbolicamente todas as outras, mas que permite deixar na sombra as que se quer ou se deve tolerar.”

A ideia da exclusão das pessoas LGBTs da sociedade e, por consequência da história, marcou todos os mais de 500 anos do que conhecemos hoje como Brasil. Ao longo desses 5 séculos, pessoas vistas como desviadas foram aprisionadas dentro de um sistema higienista que, de certa forma, busca assegurar a hegemonia de uma classe sobre a outra.

Para além de Tibira, outra figura do passado brasileiro que frequentemente é mencionada é Filipa de Sousa. Portuguesa de nascença, é vista como a primeira vítima de perseguição sexual e de lesbianismo pelo Tribunal do Santo Ofício na então Terra de Vera Cruz.

Casada com um pedreiro e, extraordinariamente para época, uma mulher alfabetizada, foi condenada por lesbianismo ao ser denunciada por uma de suas muitas amantes. Sua sentença foi a mais branda até então aplicada pelo Tribunal contra uma pessoa de práticas homossexuais: andou descalça por um percurso de mais ou menos 3,5 km até a Igreja da Sé, trajando um vestido de linho (o que a identificava publicamente como herege. Chegando no local, segurou uma vela acesa em suas mãos enquanto seus pecados e crimes eram lidos em voz alta para

o público presente, e posteriormente foi amarrada ao pelourinho e açoitada. Precisou de 4 dias para se recuperar, sendo estes passados em privação de liberdade na Casa da Inquisição, onde ficou presa previamente, e ainda foi obrigada a jejuar com pão e água por 15 sextas-feiras (três meses e meio) e 9 sábados.

Além disso, Filipa foi obrigada a arcar com os gastos do seu processo, o que, segundo o historiador Luiz Mott em seu livro “O Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos nas garras da Inquisição”, equivaliam a 3 meses de trabalho. Sua sentença final foi a saída da capitania em que vivia no dia 31 de janeiro de 1592, perdendo-se seu paradeiro depois deste episódio.

A crueldade com que Filipa de Sousa foi tratada e, especialmente, a publicização da sua sentença era uma das formas mais contundentes de se manter a hegemonia de uma sociedade homofóbica e machista. Como aborda Foucault no já mencionado “Vigiar e Punir”, o suplício era a forma de punição mais aplicada entre os séculos XVI e XVIII, e o caso de Filipa atende aos pontos mencionados pelo autor: o sofrimento físico e humilhação da vítima; a hierarquização dos comportamentos e, conseqüentemente, da posição do “réu” na sociedade; e a ostentação da punição, ou seja, o suplício busca além de tudo mostrar um triunfo dos detentores do poder perante os demais.

O suplício, inclusive, parece acompanhar a trajetória LGBT perante a sociedade até os dias de hoje. Inúmeros são os casos de figuras humilhadas publicamente, espancadas e mortas diante de multidões. Em 15 de fevereiro de 2017, a travesti Dandara dos Santos foi espancada por mais de uma dezena de pessoas, sendo alvo da mais brutal violência física – lhe atiraram pedras e paus – e morta com três tiros. Sua morte aconteceu em plena luz do dia, com diversas pessoas no entorno, e vídeos gravados pelos próprios agressores foram publicados como troféus. Vemos que mais de 400 anos passados do açoite público de Filipa não houve tantas mudanças.

No período contemporâneo, a discussão sobre comportamentos homoafetivos e de diferentes performances de gênero tornaram-se pauta também da medicina. Esse aval dado pela ciência é responsável, entretanto, por muitas teorias que buscavam enquadrar os LGBTs como seres desviantes.

No Brasil, utilizou-se por muito tempo o termo sodomita para designar homens que se relacionavam com outros homens. O termo deriva do nome da cidade de Sodoma, local onde segundo a Bíblia ocorriam práticas sexuais deturpantes e despudor moral (Trevisan, 2018). O termo "homossexual", que por muito tempo foi utilizado para caracterizar o que hoje se entende como "pessoas LGBTQs", foi criado pelo jornalista húngaro Karl Maria Kertbeny, que advogou no século XIX pelos direitos homoafetivos.

A busca pelo entendimento dos comportamentos vistos como desviantes motivou a medicina a classificar tais indivíduos como doentes. Na década de 1940, criou-se uma visão patológica da homossexualidade: afinal, a heterossexualidade era o comportamento normal, sendo útil à ciência pautada na reprodução e, claro, na inquestionável diferença entre os sexos (Laquer, 2001).

Leonídio Ribeiro foi um médico endocrinologista muito citado no que envolve a temática de saúde e homossexualidade visto que, em 1938, publicou a obra *~Homossexualismo e Endocrinologia~*. Numa análise da obra e do histórico de pesquisa do médico, os pesquisadores Gabriel Bezerra e Jocenilson Ribeiro, afirmam que

[...] Ribeiro explora a questão como "um problema social a ser resolvido pela medicina", considerando causas congênitas e orgânicas para estudar e teorizar fenótipos considerados 'típicos' desse sujeito "anormal", uma vez que, nessa anormalidade, o indivíduo foge ao poder do Estado e à moral social burguesa da época, representando 'perigo' e, assim, grande necessidade de normalização em prol da lógica do crescimento populacional (Bezerra; Ribeiro, 2020).

O resultado do que então se tornaria uma corrente eugenista não só no Brasil como no mundo causou o encarceramento e aprisionamento de milhares de indivíduos. As teorias nazistas, por exemplo, causaram a morte de 300 mil gays somente nos campos de concentração.

No Brasil, a política eugenista levou milhares de homossexuais, transexuais e bissexuais aos manicômios, principalmente ao Hospital Psiquiátrico de Juqueri, em Franco da Rocha (SP), e ao Hospital Colônia de Barbacena (MG). Somente em Barbacena 60 mil pessoas morreram durante os seus 90 anos de funcionamento, sendo que, conforme Daniela Arbex pontua no livro-reportagem *~Holocausto*

Brasileiro" (2013), em torno de 70% dos pacientes eram sãos. Ainda que nenhum levantamento tenha sido feito sobre a orientação sexual e/ou identidade de gênero dos pacientes, muitos registros expostos na obra de Arbex exemplificam histórias de LGBTs de liberdade cerceada com o aval do Estado.

Figura 4 - diversos homens dentro do Hospital Colônia de Barbacena, para onde muitos LGBTs foram enviados durante seus mais de 90 anos de funcionamento



Fonte: Jornal Opção, 2019⁴.

Eletrochoques, tortura, abandono e, claro, encarceramento. Para além dos manicômios, os LGBTs também foram encaminhados para as prisões, especialmente durante o período da Ditadura Militar. No site Memórias da Ditadura, criado durante a Comissão da Verdade instaurada em 2014 que buscava reviver os

⁴ Disponível em:

<<https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/daniela-arbex-revela-holocausto-que-provocoou-morte-de-60-mil-pessoas-no-maior-hospicio-do-brasil-164209/>> Acesso em 20 de novembro de 2021.

crimes cometidos durante o período, um trecho introduz a política pública de perseguição contra LGBTs no período

[os militares] Montaram também um aparato de controle moral contra os comportamentos sexuais, tidos como “desviantes”. Assim, homossexuais, travestis, prostitutas e outras pessoas consideradas “perversas”, ou “anormais”, foram alvo de perseguições, detenções arbitrárias, expurgos de cargos públicos, censura e outras formas de violência.

Buscando não só visibilidade, mas também sobrevivência, surgiram no Brasil então diversos movimentos sociais em prol das lutas homossexuais, além de uma cultura voltada ao público por debaixo da censura. No anonimato, o Grupo SOMOS foi inovador ao pautar as discussões acerca das vivências homossexuais, abrindo ao longo dos anos cada vez mais o leque de identidades abarcadas nas discussões - se de início o foco era exclusivamente o homem gay brasileiro, com o passar dos anos as lésbicas e travestis também ganharam, ainda que singelamente, espaço. A doutora Glaucia da Silva Destro de Oliveira, ao abordar a existência do grupo, explica que

Esse grupo [o SOMOS] foi fundado em São Paulo em 1978, inspirado no movimento argentino Nuestro Mundo da Frente de Liberación Homossexual (FLH). Os autores tomam o SOMOS como a primeira proposta de politização da questão da homossexualidade² no Brasil, de caráter contestatório e anti-autoritário. Ele foi, inicialmente, formado por um pequeno coletivo de homens exclusivamente e, aos poucos, foi crescendo e contou também com a participação de mulheres. A ideia do grupo era discutir sexualidade a partir das vivências de seus integrantes, na tentativa de se construir uma identidade coletiva. (Oliveira, 2010).

O grupo surgiu no ano de 1978, em pleno período ditatorial, coexistindo enquanto atrocidades com o aval do Estado aconteciam naquele período. No ano de 1980, o delegado José Wilson Richetti promovia arrastões pelo centro de São Paulo e ficou conhecido por seus rondões - batidas policiais que resultaram em detenções violentas de travestis e casais homoafetivos da região, tudo justificado por abaixo-assinados de comerciantes da região. Além disso, a detenção se justificava pela Lei de Contravenções Penais.

Mas é nítido que, sem a repressão militar, o movimento LGBT teria surgido muito antes do que se data hoje. Como diz a pesquisadora Regina Facchini,

(...) se o governo militar não tivesse deslanchado uma onda de repressão, ampliado a censura e restringindo os direitos democráticos em fins de 1968 com a imposição do AI-5 além de outras medidas, um movimento politizado pelos direitos de gays e lésbicas possivelmente teria surgido já no início dos anos 70 (FACCHINI, 2005)

4. TEMPOS DE CHUMBO - E A TRANSFORMAÇÃO DE UM MOVIMENTO

“Gays, lésbicas e trans foram presos, torturados, achacados, confinados em guetos. Mas o debate sobre os abusos da ditadura ainda se concentra sobre sua dimensão estritamente política e não na seara dos costumes”, foi o que escreveu o professor Renan Quinalha em seu “Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT” (Companhia das Letras, 2021).

A Delegacia de Vadiagem, para onde os indivíduos, aplicava o artigo 59 da Lei de Contravenções Penais. O espaço era um prédio inteiro no Centro de São Paulo, usado exclusivamente para a prisão de gays, lésbicas, transexuais e travestis - estima-se que, durante os tempos mais duros, 500 LGBTs eram encarcerados todos os fins de semana na cidade.

E para além da repressão violenta, a censura era uma outra ferramenta exaustivamente usada durante o período ditatorial. A proibição da circulação de materiais que envolvessem pessoas ou, de alguma forma, aludissem a comportamentos dissidentes eram banidos imediatamente. Ironicamente, como dito antes, algumas poucas personalidades transpassaram essa barreira, como foi o caso de Rogéria.

Entretanto, além de justamente barrar a circulação de conteúdos que poderiam de alguma forma ir contra a Ditadura Militar, a censura também colaborava com a inexistência pública de pessoas LGBTs. Se não havia referencial, muitas pessoas não poderiam entender o que acontecia dentro de si em relação à sua natureza sexual e de gênero - se não me vejo, não me entendo.

Como disse Walter Lippman ao discorrer sobre os meios de comunicação de massa, “Colhemos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber o que colhemos na forma estereotipada” (LIPPMANN, 1980). Ou seja, se nos

basearmos única e exclusivamente no que nos é mostrado dentro dos meios de comunicação, buscamos sempre nos encaixar dentro de um estereótipo pré-definido socialmente.

Pensando que, num período pré-internet, o consumo era integral de mídias como rádio, televisão e jornais impressos, mas nada era divulgado. Uma mudança importante neste cenário foi o surgimento do jornal “O Lampião da Esquina”, jornal pioneiro na temática homoafetiva no Brasil.

Espaço de divulgação de eventos, entrevistas e informações sobre o modo de vida LGBT, o Lampião foi extremamente importante ao debater questões como métodos preventivos de infecções sexualmente transmissíveis, direitos políticos e até mesmo trazer grandes personalidades da época para ceder entrevistas.

Ainda que clandestino, era um periódico de grande circulação, e contou com relatos de nomes como Clodovil Hernandez e até mesmo o então líder sindical e atual ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, que na época chegou a afirmar que não existiam homossexuais entre os operários.

Figura 5 - diversas capas do Lampião da Esquina, incluindo avisos das rondas policiais, locais de circulação mais segura para o público LGBT e entrevistas de grandes personalidades



O jornal, além de levar informações pertinentes ao seu público-alvo, também foi de extrema importância na desconstrução do estereótipo das pessoas LGBTQs no Brasil e no próprio movimento. A abordagem sobre travestis trouxe melhor interação dos homens gays com elas, além de fortemente pautar as questões feministas que se interseccionam com as pautas do movimento LGBTQ, com enfoque nas mulheres lésbicas.

O estereótipo, de fato, pode ser tão consciente e autorizadamente transmitindo, em cada geração, de pai para filho que quase parece um fato biológico. Em certos sentidos, pode ser que nos tenhamos tornado, com efeito. (LIPPMANN, 1980)

Logo, entende-se a importância de um referencial para as pessoas se verem de outras formas. Da mesma forma como pessoas negras precisam se verem para entenderem que podem exercer outras funções sociais para além das que a branquitude as encarrega, pessoas LGBTQs precisam entender as vivências dos outros para assimilarem que seus comportamentos não são anormais, ainda que na época utilizava-se o termo “homossexualismo”, com o sufixo “-ismo”, designando doença. Isto perdurou, na Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial da Saúde, até 17 de junho de 1990, quando a homossexualidade foi tirada da lista de distúrbios.

As décadas de 1970 e 1980 foram transformadoras para o movimento LGBTQ no Brasil. Em 19 de agosto de 1983, uma revolta no Ferro's Bar, na cidade de São Paulo, culminou num episódio que poderia ser visto como “Stonewall brasileiro”. O bar, localizado na Avenida 9 de Julho, era frequentado por mulheres, em sua maioria lésbicas, desde os anos 1960, sendo antes muito frequentado por militantes comunistas.

Nele, circulava um boletim informativo chamado “Chana com Chana”, organizado pelo Grupo Lésbico Feminista e, mais tarde, pelo Grupo de Ação Lésbico-Feminista, o GALF. Assim como o Lampião, trazia informações sobre a vivência das mulheres lésbicas, saúde, bem-estar e menções culturais à outras

⁵ Disponível em
<<https://fpabramo.org.br/2017/06/12/csbh-o-lampiao-da-esquina-primeira-publicacao-lgbt-do-brasil/>>
Acesso em 20 de novembro de 2021.

mulheres lésbicas, brasileiras ou não. O dono do Ferro's colocou-se contra a venda do periódico dentro do seu espaço, promovendo a expulsão de várias mulheres de forma violenta.

Depois de muitas investidas, um grupo de mulheres, junto aos demais grupos LGBTs e feministas, uniram-se e promoveram uma verdadeira revolta em frente ao bar. A polícia, presente no local, ouviu o manifesto entoado por Míriam Martinho, uma das líderes do acontecimento - e, depois de muito boicote e pressão, com participação de pessoas públicas, como o deputado Eduardo Suplicy e a vereadora Ireda Cardoso, conseguiu atenção até mesmo de veículos como a Folha de S. Paulo, que cobriu o evento com certa positividade. Dado o ocorrido, o dono viu-se obrigado a autorizar a venda do *Chana com Chana*, sendo a primeira de muitas conquistas sociais das mulheres lésbicas no Brasil.

Figura 6 - Fachada do Ferro's Bar, em São Paulo



Fonte: Elas por Elas, 2020.⁶

Figura 7 - Capa do “Chana com Chana”, folhetim com temáticas lésbicas abordando a lesbianidade, literatura e política em sua pauta



Fonte: Elas por Elas, 2020.⁷

5. A AIDS

A pandemia de Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida, conhecida popularmente por seu acrônimo em inglês (AIDS, de Acquired Immunodeficiency Syndrome, em inglês), foi um divisor de águas na história do movimento LGBT, principalmente para pessoas trans e homens gays.

A doença, descoberta no final do anos 1970, estigmatizou os GBTs (gays, bissexuais, transexuais e travestis, já que o entendimento da doença sobre mulheres lésbicas ainda era ignorado) como são vistos muitas vezes até hoje: como seres promíscuos.

⁶ Disponível em:

<<https://pt.org.br/conheca-o-stonewall-brasileiro-o-levante-liderado-por-lesbicas-e-apoiado-por-feministas/>>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

⁷ Idem.

AIDS chegou ao Brasil com caráter de "peste anunciada", vinculada, naquele momento, a grupos marginalizados, como homossexuais, usuários de drogas injetáveis, prostitutas, michês e travestis, agrupados na categoria de "grupo de risco". Estes formavam, nesse sentido, "espécies", no sentido empregado por Foucault⁸ ao discutir a construção da homossexualidade enquanto fenômeno clínico. Essa nova "espécie" foi aglutinada na categoria clínica de "aidético". São estes grupos que a nossa sociedade sempre caracteriza ou associa a este tipo de doença, porque são pessoas marginalizadas pela própria sociedade devido ao modo de vida que essas pessoas levam. (PELUCIO, 2007)

Para muitos pesquisadores, a associação direta do HIV entre os homossexuais derrubou imediatamente todas as conquistas prévias - mais uma vez, voltavam a ser vistos como escória da sociedade, problemáticos e, claro, doentes.

Mais ainda: em se tratando de doença difundida primeiro entre pessoas de prática homossexual, ela parece ter provocado grande dose de autorrejeição ao amor desviante, que passou então a ser metáfora de território da morte (Trevisan, 2018).

Logo, entende-se de imediato qual foi a influência da mídia e, por consequência, da opinião pública perante os LGBTs e as pessoas com HIV. Com o passar dos anos e a chegada da doença aos noticiários alinhadas aos nomes de grandes artistas, como Cazuza e Renato Russo, o HIV chegou cada vez mais próximo da população em geral, mas que não necessariamente mudou a forma como LGBTs e, principalmente, pessoas com HIV eram tratadas.

Figura 8 - Manchete do jornal "Notícias Populares" de 1983



Fonte: Empoderadxs, 2018⁸.

⁸ Disponível em:

<<https://empoderadxs.com.br/2018/12/01/a-epidemia-do-preconceito-a-trajetoria-do-hiv-aids-no-brasil/>>. Acesso em 27 de novembro de 2021.

Durante quase toda a década de 1980 e até meados dos anos 1990, as grandes revistas do país focalizaram no público LGBT para escancorar seu preconceito usando o HIV e a AIDS como motivo. A revista Veja lançou diversas capas e reportagens alertando sobre os riscos da doença, que foi chamada de “câncer gay”, e o auge do que se entende hoje como caça às bruxas aos LGBTs e soropositivos é a famosa capa que estampa o cantor Cazuza em seus dias finais, completamente afetado pela doença.

Figura 9 - Capa da revista Veja com o cantor Cazuza



Fonte: Vermelho, 2020⁹.

O avanço da medicina e o entendimento das formas de prevenção da doença mudaram de certa forma a relação da mídia e dos meios de comunicação perante o fato. Com o passar dos anos, as matérias deixaram de ser alarmistas no sentido de associar a doença diretamente aos LGBTs, mas tudo graças à movimentação de diversos grupos sociais que batalharam pelo fim do preconceito e por políticas públicas efetivas contra a doença.

⁹ Disponível em:

<<https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/beatriz-ribeiro-o-dia-em-que-a-revista-veja-matou-cazuza/>>. Acesso em 26 de novembro de 2021.

Aos poucos, dentro de um sistema de saúde pública injusta e crescentemente ineficaz, o Brasil conseguiu montar uma rede de enfrentamento da aids considerada modelo pela Organização Mundial da Saúde. E isso se deveu, bem ou mal, à mobilização de homossexuais isolados ou de grupos de tendência GLS que lutaram, protestaram, ajudaram a organizar e puseram as mãos na massa. (Trevisan, 2018)

O uso do termo GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), que posteriormente foi adotado principalmente pelos meios de comunicação para aglutinar e abordar toda a temática LGBT, serviu de certa forma para democratizar e diminuir os ruídos comunicacionais com a sociedade em geral.

Isto porque, a partir de sua adoção, não era necessário se categorizar dentro de um grupo - pessoas homossexuais, bissexuais ou até mesmo heterossexuais poderiam visitar espaços ditos "GLS" sem necessariamente expor o que eram.

(...) o conceito GLS permitiu a democratização do território guei, atravessando barreiras e projetando homossexuais para espaços mais amplos dentro da sociedade. (Trevisan, 2018).

Com o passar dos anos e o surgimento de novas pesquisas, a mídia sentiu-se na obrigação de desvincular o HIV e a AIDS dos LGBTs. Isto porque o número de casos entre mulheres e pessoas heterossexuais, assim como o entendimento da possibilidade de contágio de diversas outras formas (transfusões pré-testagem, uso de agulhas não esterilizadas, etc), obrigou que todos se colocassem atentos à doença. De qualquer forma, o estrago já estava feito - o estigma sobre LGBTs serem promíscuas e, claro, portadoras de HIV, perdura até hoje.

6. SER LGBT HOJE

Ao analisarmos a sociedade contemporânea, é nítido entender que houveram avanços sociais, assim como da opinião pública. Porém, é importante visualizar que nada foi dado, mas sim batalhado por centenas de milhares de militantes que, desde os primórdios, buscavam seu reconhecimento como indivíduos humanos.

A sociedade capitalista, entretanto, criou uma falsa ideia de que existe espaço para LGBTs dentro do povo, pautada principalmente no crescimento do poder aquisitivo de boa parte desta população, em especial os homens gays. No fim, criam-se guetos, pontos de cultura voltados ao público, mas sem legitimar sua presença em espaços fora destes.

João Silvério Trevisan pontua que

tais constatações se distanciavam da crença veiculada por parte da mídia ansiosa em detectar novas tendências, de que o consumismo do chamado pink money resgatara de um modo definitivo os homossexuais para a sociedade capitalista (Trevisan, 2018).

Dito isso, é importante também entender qual é o papel das pessoas LGBTs dentro da sociedade atual. Há, sem sombra de dúvidas, muito mais protagonismo e presença nos meios de comunicação de massa. Nas novelas, aparições de personagens homossexuais e até mesmo trans são mais comuns, como nos casos dos personagens das novelas *Catatau*, um homem trans interpretado pelo ator trans Bernardo de Assis em “*Salve-se Quem Puder*” (2020-2021, Rede Globo), e de Crô, de “*Fina Estampa*” (2011-2012), talvez o personagem mais estereotipado da televisão nos últimos anos.

Crô, interpretado por Marcelo Serrado, é capacho da protagonista da trama de Aguinaldo Silva. Sua popularidade perante o público foi tão grande que teve um filme criado para o personagem, mas que, para atrair o público, deita no estereótipo do homem gay engraçado, divertido, extremamente sexual e afeminado. Em uma crítica escrita pelo jornalista da Folha de São Paulo Alexandre Agabiti Fernandez, o filme é descrito como “Crô é aquela velha caricatura de homossexual, baseada em trejeitos cheios de afetação afeminada nos gestos e na voz, frívolo a não mais poder.”

Figura 10 - Pôster do filme “Crô”, com Marcelo Serrado no papel do protagonista homossexual



Fonte: TV Liberal, 2013¹⁰.

Ainda assim, muitas conquistas foram alcançadas, ainda que dependentes muito mais de decisões judiciais do que influenciadas diretamente por uma opinião pública mais complacente com a causa LGBT.

Em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu o direito à união estável de casais homoafetivos, uma decisão histórica pautada na garantia de direitos a todos os cidadãos. Em paralelo, de 2011 entre 2011 e 2017, o número de mortes violentas de pessoas LGBTs aumentou em 127% segundo dados do Atlas da Violência no Brasil.

Em um país de eternas contradições, Gloria Groove, drag queen paulistana, é figura carimbada de todos os domingos na tela do “Domingão do Huck” (Rede Globo, 2021). desde o início de setembro de 2021, programa líder em audiência na TV aberta, conforme dados Kantar Ibope Media. Em paralelo, o número de assassinatos violentos de pessoas LGBTs no Brasil somente entre janeiro e agosto de 2021 chegou a 207, um número assustador.

¹⁰ Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/pa/tvliberal/noticia/2013/11/filme-cro-tem-pre-estreia-nesta-quinta-em-bel-em.html>>. Acesso em 26 de novembro de 2021.

Entender a realidade dessa parcela da população no Brasil de 2021 é extremamente difícil. Como mencionado previamente, LGBTs sofrem mais com o isolamento social do que a maioria da população segundo os dados do IE SOGI, seja pelo aumento do número de agressões e violências sofridas, seja pela perda de renda. Além disso, ainda que com melhoras, a empregabilidade de parte da população LGBT segue problemática: entre a população travesti e transexual, 90% encontram somente na prostituição uma fonte de renda, conforme dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA); segundo dados do Center for Innovation, 61% dos LGBTs não assumem sua orientação sexual ou identidade de gênero no espaço de trabalho, e 49%, mesmo não escondendo, preferem não abordar a questão.

Os avanços são, claro, resultado de muita luta. Cada vez mais a presença dos grupos LGBTs dentro dos espaços de poder garantem um futuro mais igualitário, seguro e justo para essa população, e principalmente com o advento da internet, o debate acerca dessa população tem sido mais democrático.

Nas eleições para as Assembleias Municipais e Prefeituras no ano de 2020, segundo o coletivo #VOTELGBT, mais de 90 pessoas LGBTs foram eleitas no país. A vereadora mais votada na maior cidade do Brasil, São Paulo, é uma mulher trans - a vereadora pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) Erika Hilton.

O poder da internet na construção de tais candidaturas, que dificilmente conseguiriam romper com tanta capilaridade os meios de comunicação mais tradicionais, como televisões e rádios, foi imprescindível para tais conquistas. A direção que o mundo virtual encaminhou a política desde 2018 se tornou ainda maior nas eleições municipais, mostrando que dentro do espaço democrático e de debate, há sim possibilidade de criar-se uma opinião pública mais inclusiva e receptiva quanto às pessoas LGBTs. O caminho, daqui pra frente, seguirá árduo, mas, como visto neste trabalho, a luta caminha ao lado do movimento LGBT desde os primórdios do que conhecemos hoje como Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a longa digressão que foi a realização deste trabalho, conclui-se, de imediato, que nossa sociedade é extremamente LGBTfóbica. Isto, entretanto, não é novidade para ninguém. De qualquer forma, é importante ressaltar que, ao longo da história, a comunicação foi utilizada como parte de todo o aparato repressivo.

Pessoas LGBTs sofreram de formas extremamente violentas desde a chegada dos povos colonizadores ao Brasil e sofrem até hoje, seja de violência física direta, como nos diversos casos de assassinato mencionados, seja no preconceito institucionalizado e estrutural que coloca pessoas LGBTs longe do espaço de decisão e oferecem poucas possibilidades de transformações sociais verdadeiras.

Mas, ao longo da história, a comunicação também foi utilizada como arma para desmistificar mitos sobre populações LGBTs. Com a inserção de personagens desde as novelas dos anos 1960 até a naturalização de relações homoafetivas nas produções mais recentes, comunicação e sociedade caminham juntas na construção de espaços mais inclusivos com esse público.

Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça garantiu, por via de regra, a obrigatoriedade de todos os cartórios do país realizarem casamentos entre casais homoafetivos. No mesmo ano, a novela "Amor à Vida", da Rede Globo, inseriu o primeiro beijo de um casal de homens homossexuais em uma produção do horário nobre da emissora. Existe, de certa forma, uma relação, ainda que não direta, entre os meios de comunicação e as conquistas dos movimentos sociais, como mencionado anteriormente.

Mas, em contraponto, é importante ressaltar que nem sempre a comunicação é usada de forma positiva nessa conquista. Num passar rápido pelos telejornais brasileiro, é fácil visualizar que, quando aparecem, pessoas LGBTs sempre estão envolvidas em tragédias, assassinatos e outros crimes que sofrem diariamente. No meio do entretenimento, raramente fogem do estereótipo - dos homens extremamente afeminados ou das mulheres masculinizadas.

Como aborda Lippman,

Nossas opiniões abarcam inevitavelmente um espaço maior, um lapso de tempo mais longo e um número maior de coisas do que as que podemos observar diretamente. É preciso, portanto, que se formem do que os outros relataram e do que somos capazes de imaginar (LIPPMANN, 1980).

Dito isso, é importante observar qual foi o papel social da comunicação na construção dos estereótipos das pessoas LGBTs ao longo dos anos, principalmente com o surgimento das organizações sociais em defesa de seus direitos.

A discussão recente sobre a inclusão de pessoas LGBTs para além das telas, mas também para trás delas, é super pertinente, já que é impossível romper estes estereótipos se não há domínio da temática abordada. Os estereótipos, que podem ser extremamente danosos, podem estabelecer valores e padrões que não necessariamente refletem fidedignamente as vivências de LGBTs.

Nós mesmos vemos as representações sociais se construindo por assim dizer diante de nossos olhos, na mídia, nos lugares públicos, através desse processo de comunicação que nunca acontece sem alguma transformação (MOSCOVICI, 2007)

Por fim, este trabalho tem o objetivo de não só discorrer sobre as vivências de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, mas elucidar a importância da comunicação como meio transformador dessas populações. Para além de um “movimento LGBT”, são centenas de milhares de vidas que são afetadas diariamente pelo poder que os meios de comunicação exercem sobre os demais indivíduos. Para além de instrumentos de identificação e compartilhamento de conhecimento, os meios de comunicação devem fazer parte de um projeto educacional que busque, cada vez mais, diminuir preconceitos, instaurar ambientes acolhedores para pessoas LGBTs e, principalmente, lembrar da existência deste público, enxergando suas singularidades e, acima de tudo, sua humanidade.

Parafraseando João Silvério Trevisan, um dos maiores nomes nos estudos sobre pessoas LGBTs no Brasil, encerra-se este trabalho.

Homossexual é exatamente isso: duvidoso, instaurador de uma dúvida. Em outras palavras: alguém que afirma uma incerteza, que abre espaço para a diferença e que se constitui em signo de contradição frente aos padrões de normalidade. Ou seja: trata-se do desejo enquanto devir e, portanto, como afirmação de uma identidade itinerante. (Trevisan, 2018).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro: Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil**, São Paulo, Intrínseca, 2019. 280 p

BBC News. **Petition to pardon computer pioneer Alan Turing started**, 2011. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-england-manchester-16061279>>. Acesso em 17 de novembro de 2021.

BELLONI, Luiza. **61% dos profissionais LGBT brasileiros escondem sua orientação no trabalho, diz pesquisa**. Portal Geledés, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/61-dos-profissionais-lgbt-brasileiros-escondem-sua-orientacao-no-trabalho-diz-pesquisa/>>. Acesso em 26 de novembro de 2021.

BEZERRA, Gabriel; RIBEIRO, Joenilson. **O Discurso Médico-Científico Em “Homossexualismo E Endocrinologia” (1938): Representações De “Sujeito Anormal” Na Obra De Leonídio Ribeiro**, Revista Brasileira de Iniciação Científica (RBIC), Itapetininga, v.7, n. 2, p. 128-147, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/IC/article/view/1732/1219>>. Acesso em 20 de novembro de 2021.

CARDINALI, Daniel; FREIRE, Lucas. **O ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia**, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sess/a/wMcLzXfDQwcKvD69rwdQPcx/?lang=pt>>. Acesso em 19 de novembro de 2021.

CERQUEIRA, Daniel *et. al.* **Atlas da Violência 2020**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/200826_ri_atlas_da_violencia.pdf>. Acesso em 26 de novembro de 2021.

CORRÊIA, Nildo. **Centenas de homossexuais morreram pelas altas voltagens dos choques, de fome e de dor, no manicômio de Barbacena**, Gazeta Web, 2018. Disponível em: <<http://diversidade.blogsdagazetaweb.com/2018/04/22/centenas-de-homossexuais-morreram-pelas-altas-voltagens-dos-choques-de-fome-e-de-dor-no-manicomio-de-barbacena/>>. Acesso em 19 de novembro de 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p.

EL IMPACTO De La Pandemia De Covid-19 En Los Derechos Humanos De Las Personas Lgbt. **Experto independiente de Naciones Unidas en protección contra la violencia y la discriminación por orientación sexual e identidad de género** - IESOGI, 2021. Disponível em <<https://www.ohchr.org/Documents/Issues/SexualOrientation/Summary-of-Key-Findings-COVID-19-Report-ESP.pdf>>. Acesso em 22 de novembro de 2021.

ELAS por Elas. **Conheça o 'Stonewall' brasileiro, o levante liderado por lésbicas e apoiado por feministas**. Secretaria Nacional de Mulheres do PT, 2020. Disponível em: <<https://pt.org.br/conheca-o-stonewall-brasileiro-o-levante-liderado-por-lesbicas-e-apoiado-por-feministas/>>. Acesso em 25 de novembro de 2021.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Ser índio e ser gay: tecendo uma tese sobre homossexualidade indígena no Brasil**, Conselho Indigenista Missionário, 2018. Disponível em: <<https://cimi.org.br/2018/06/ser-indio-e-ser-gay-tecendo-uma-tese-sobre-homossexualidade-indigena-no-brasil/>>. Acesso em 20 de outubro de 2021.

FERNANDEZ, Alexandre Agabiti. **Crítica: Preconceituosa e rasa, comédia 'Crô' é falta de respeito com o público**. Folha de São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/11/1377966-critica-preconceituosa-e-r>>

[asa-comedia-cro-e-falta-de-respeito-com-o-publico.shtml](#)>. Acesso em 25 de novembro de 2021.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. **Barbacena, a cidade-manicômio que sobreviveu à morte atroz de 60.000 brasileiros**, El País, 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-09-05/barbacena-a-cidade-manicomio-que-sobreviveu-a-morte-atroz-de-60000-brasileiros.html>>. Acesso em 19 de novembro de 2021.

GRAÇA, Eduardo. **Livro joga luz sobre as ‘políticas sexuais’ aplicadas contra os homossexuais na ditadura militar**. Extra, 2021. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/livro-joga-luz-sobre-as-politicas-sexuais-aplicadas-contr-os-homossexuais-na-ditadura-militar-25193981.html>>. Acesso em 17 de novembro de 2021.

INDEPENDENT Expert on sexual orientation and gender identity. **United Nations Human Rights**, 2021. Disponível em: <<https://www.ohchr.org/en/issues/sexualorientationgender/pages/index.aspx>>. Acesso em 22 de novembro de 2021.

LAQUEUR, Thomas. 2001. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 313 p.

LIPPMANN, W. Estereótipos. In: STEIMBERG, C. H. (org.). **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix, 1980.

MAPA da Desigualdade 2017. **Rede Nossa São Paulo**, 2017. Disponível em: <<https://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/mapa-da-desigualdade-2017.pdf>>. Acesso em 22 de novembro de 2021.

MARTINS, Carla B.; ANDRADE, Isabela F. de. **Reflexões Sobre O “Nó” Gênero-Classe-Raça-Sexualidade Em Tempos De Crise: Sobre Tensões E Potenciais Revolucionários**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th

Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499473969_ARQUIVO_TrabalhoCompleto.pdf>. Acesso em 24 de novembro de 2021.

MCPHERSON, James. **Revisionist Historians. Perspective on History**, 2003. Disponível em: <<https://www.historians.org/publications-and-directories/perspectives-on-history/september-2003/revisionist-historians>>. Acesso em: 03 de outubro de 2021.

MEMÓRIAS da ditadura. **LGBT**. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/lgbt/>>. Acesso em 15 de novembro de 2021.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradutor: Pedrinho A. Guareschi. 5a ed. Petrópolis: Vozes, 2007

MOTT, Luiz. **Bahia: inquisição e sociedade** [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, 293 p. Disponível em <<https://static.scielo.org/scielobooks/yn/pdf/mott-9788523208905.pdf>>. Acesso em 20 de novembro de 2021.

MOTT, Luiz. **A revolução homossexual: o poder de um mito**. REVISTA USP, São Paulo, n.49, p. 40-5, 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32907/35477>>. Acesso em 19 de novembro de 2021.

NICLEWICZ, Manuella. **Preconceito matou mais de 5 mil LGBTQIA+ em 20 anos, diz estudo**. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/preconceito-matou-mais-de-5-mil-lgbtqia-em-20-anos-diz-estudo/>>. Acesso em 29 de outubro de 2021.

OBSERVATÓRIO de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil. **Relatório Parcial - N.º 001/2021**. 2021. Disponível em:

<<https://observatoriomortesviolentaslgbtbrasil.org/parcial-setembro-2021>>. Acesso em 26 de novembro de 2021.

OLIVEIRA, Gláucia da S. Destro. **Construção, negociação e desconstrução de identidades: do movimento homossexual ao LGBT**. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/tBh7XXd8cLd6WMFLbXchYbH/?lang=pt>>. Acesso em 19 de novembro de 2021.

OLIVEIRA, Mariana. Regra que obriga cartórios a fazer casamento gay vale a partir do dia 16. G1, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/05/regra-que-obriga-cartorios-fazer-casamento-gay-vale-partir-do-dia-16.html>>. Acesso em 25 de novembro de 2021.

PAULA, Izadora. **Há três anos, Dandara dos Santos era torturada e morta em rua de Fortaleza**. O Povo, 2020. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2020/02/15/ha-tres-anos--dandara-dos-santos-era-torturada-e-morta-em-rua-de-fortaleza.html>>. Acesso em 19 de novembro de 2021.

PELUCIO, Larissa. **Ativismo soropositivo: a politização da AIDS**. Ilha - Revista de Antropologia, n. 1, 2, v. 9, p. 119-141, 2007.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT**. São Paulo, Companhia das Letras, 2021. 416 p.

REVISIONISM. **Google Ngramer Viewer**, 2019. Disponível em <https://books.google.com/ngrams/graph?content=reversionism&year_start=1800&year_end=2019&corpus=26&smoothing=4&case_insensitive=true>. Acesso em 03 de outubro de 2021.

REVISIONISM. **Oxford Reference**, 2021. Disponível em: <<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110810105729649>>. Acesso em 03 de outubro de 2021.

REYS, Raul A. **A Forgotten Latina Trailblazer: LGBT Activist Sylvia Rivera**. NBC News, 2015. Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/news/latino/forgotten-latina-trailblazer-lgbt-activist-sylvia-rivera-n438586>>. Acesso em 20 de novembro de 2021.

RODRIGUEZ, Antonio. **Inclusão trans no mercado de trabalho avança, mas ainda enfrenta obstáculos**. Uol, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/10/09/inclusao-trans-no-mercado-de-trabalho-avanca-mas-ainda-enfrenta-obstaculos.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 25 de novembro de 2021.

SOUZA, Humberto da C. Alves; JUNQUEIRA, Sérgio R. Azevedo; REIS, Toni. **Ensaio Sobre o Perfil da Comunidade LGBT+**. Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual, 2020. Disponível em: <<https://www.ibdsex.org.br/wp-content/uploads/2020/09/SOUZA-Humberto-da-Cunha-Alves-de-JUNQUEIRA-Sergio-Rogerio-Azevedo-REIS-Toni.-Ensaio-sobre-o-perfil-da-comunidade-LGBTI.-Curitiba-IBDSEX-2020.-Colecao-Livres-Iguais-3.pdf>>. Acesso em 15 de novembro de 2021

STEINBERG, Charles S. (org). **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix, 1972.

STERN, Scott W. **Sex Workers Are an Important Part of the Stonewall Story, But Their Role Has Been Forgotten**. Revista TIME, 2019. Disponível em <<https://time.com/5604224/stonewall-lgbt-sex-worker-history/>>. Acesso em 17 de novembro de 2021.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4a edição. Objetiva, 2018.

TV Liberal. **Filme 'Crô' tem pré- estreia nesta quinta em Belém**. Belém, 2013. Disponível em:

<<http://redeglobo.globo.com/pa/tvliberal/noticia/2013/11/filme-cro-tem-pre-estreia-na-sta-quinta-em-belem.html>>. Acesso em 26 de novembro de 2021.

VASCONCELOS, Rocha; THIAGO, Francisco; MARIZ, Silviana F. 2021. **O 11 De Setembro Como Marco simbólico Do Revisionismo histórico à Direita: 'guerra cultural', Elitismo E geopolítica Civilizacional.** *Locus: Revista De História* 27 (2):74-97. Disponível em: <<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2021.v27.33471>>. Acesso em 20 de novembro de 2021.

VEIGA, Edson. **O índio executado a tiro de canhão tido como 'primeiro mártir da homofobia no Brasil'.** BBC Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55462549>>. Acesso em: 29 de setembro de 2021.

#VOTELGBT. **Eleições 2020 _ Uma vitória coletiva.** 2020. Disponível em: <<https://votelgbt.org/eleicoes>>. Acesso em 26 de novembro de 2021.

YAHYA, Hanna. **Domingão com Huck ao vivo registra maior audiência em São Paulo.** Poder 360, 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/homenagens-a-marilia-mendonca-alavancam-a-udiencia-do-domingao-com-huck/>>. Acesso em 26 de novembro de 2021.